

XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

**VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA PERSPECTIVA ESTUDANTIL:
ABORDAGENS DO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EEMTI WALDIR
LEOPÉRCIO, VARJOTA-CE.**

Autor(es): Mariana Gomes de Menezes¹; Prof.^a Dra. Marina Leitão Mesquita²

¹Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional, CCH, UVA; E-mail: mariana.menezes@prof.ce.gov.br,
² Professora Dra. do Curso de Ciências Sociais, CCH, UVA. E-mail: marinaaya@gmail.com

Resumo: O presente trabalho em desenvolvimento abordará reflexões acerca da violência de gênero, na esfera do ambiente escolar da EEMTI Waldir Leopércio, Varjota-Ce. É um trabalho qualitativo que buscará analisar as questões de gênero construídas pelos(as) jovens estudantes de 16 a 18 anos, em escolarização de 3ª série. Utilizarei como método de obtenção de dados, intervenções pedagógicas em sala de aula. O objetivo geral é observar como os(as) alunos(as) são afetados pelas práticas de violência de gênero. Utilizarei bibliografias de autoras como Adriana Piscitelli (2009), John Scott (1995), para fundamentação teórica, contextualizando socialmente as relações das construções de ser homem e ser mulher e suas transformações ao longo dos anos. É importante abordar o assunto na escola por trazer provocações e aprofundar o conhecimento que os(as) jovens(as) têm a respeito das relações de gênero, onde muitas vezes são negligenciadas, criando estereótipos que propagam discriminação e preconceito.

Palavras-chave: Escola; Gênero; Violência.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Na conjuntura atual das relações sociais de gênero, sexo e sexualidade, faz-se necessário compreender como os(as) jovens estudantes têm interpelado, significado e ressignificado as construções de gênero em suas comunidades, para isso proponho-me no trabalho a ser desenvolvido, mediante intervenção pedagógica, analisar como os(as) alunos(as) da EEMTI Waldir Leopércio, na cidade de Varjota, Estado do Ceará, são afetados pelas práticas de violência de gênero no ambiente escolar.

É fato que a sociedade patriarcal ainda é condicionante da reprodução da dominação masculina, sendo o Brasil um país de desigualdades sociais alarmantes, os interiores sertanejos ainda aludem a um imaginário da construção de gênero onde o homem é rústico e brutalizado enquanto a mulher precisa ser a “bela, recatada e do lar”, em cidades de pequeno porte como Varjota, em média 18 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), essas relações de poder influenciam nos constantes casos de abusos sexuais, violência contra a mulher, homofobia, atos esses que são pertinentes a cultura machista.

Agravadas no período pandêmico, as questões referentes à equidade de gênero não avançaram positivamente no cenário atual. Segundo dados da Plan Internacional Brasil, ainda estamos no 5º lugar no ranking mundial dos casamentos infantis. Na reportagem de Heloisa Cristaldo para a Agência Brasil, a posição do país sobre a igualdade de gênero é a

78^a, em 144 países. Anterior à pandemia alcançamos o 77^o lugar. Os dados são do Índice de Gênero dos ODS 2022 (Objetivo de Desenvolvidos Sustentáveis), ficando atrás de países como o Uruguai, Argentina, Chile e Paraguai (CRISTALDO, 2022).

A crescente polarização política no país ocasionou ataques e perseguições aos direitos das minorias como a comunidade LGBTQIA+, as causas antirracista, aos direitos indígenas, por narrativas políticas conservadoras, que surgiram como fenômeno mundial a partir do avanço da extrema-direita, em disputas que perpassam e atravessam o ambiente escolar, o espaço educacional tem sofrido perseguições dessas vertentes, assim, sendo passível que observemos essas relações no lócus de estudo.

As Forças conservadoras que tomaram o meio político nos últimos anos, incentivaram denúncias contra professores(as) que citavam os estudos de gênero em sala de aula, durante a pandemia observei pais que tentavam fiscalizar os grupos do WhatsApp, e ouvimos relatos de professores(as) onde alguns pais reclamaram sobre temas que abordam sexualidade. Portanto, faz-se necessário compreender as dinâmicas e influências conservadoras que refletem nos contextos escolares e como a comunidade escolar vem discutindo as temáticas atualmente.

O papel da escola como formadora de cidadãos conscientes, é desenvolver uma educação que corrobora com os princípios dos Direitos Humanos, operando para a promoção de equidade, pluralidade e justiça social. Sabemos que as discussões de gênero ainda são conflituosas neste espaço. Além disso, por mais que estejam em constante debate, não chegam de forma mais aprofundada aos discentes, estes podendo buscar fontes de conhecimento de forma errônea ou mesmo enviesadas, que possam a vir propagar mais desinformação do que promover uma conscientização e diálogos a respeito da diversidade. Assim, os preconceitos ainda ocorrem de forma naturalizada socialmente através de “brincadeiras”, “piadas”, muitas vezes estimulando o bullying ou mesmo por ideologias ligadas ao cristianismo e ao patriarcalismo.

Em contrapartida, a escola também é tida como um ambiente de reinvenção de si, visto que, nesse espaço, o(a) jovem se depara com outras realidades que não a sua, e desfruta de outras liberdades que não a da sua casa. No ensino médio, os estudantes se deparam com disciplinas diferentes, e, por consequência, com conteúdos diversificados. No caso da sociologia, por exemplo, os estudantes conhecem uma disciplina nova, que tem como objetivo discutir e desconstruir questões antes tidas como naturalizadas, assim, é nesse espaço que se debatem temas recorrentes da sociedade, e, portanto, do cotidiano dos indivíduos.

A partir dessa premissa, proponho-me a observar se os(as) jovens estudantes conseguem questionar as questões de gênero que permeiam as relações escolares, gerando preconceitos e discriminações. Se são capazes de desvelar as formas que são estruturalmente naturalizadas, contextualizar o seu envolvimento na estrutura condicionante dos processos de exclusão social, estes que se encontram arraigados e absorvidos culturalmente pela sociedade. Todavia, para analisarmos melhor a questão, devemos investigar se os(as) alunos(as) da EEMTI Waldir Leopércio têm reproduzido as questões de gênero de forma estrutural ou se contrapõem às ordens vigentes do status quo.

MATERIAL E MÉTODOS

A abordagem a ser desenvolvida neste projeto será qualitativa, com lócus de estudos

na EEMTI Waldir Leopércio, na cidade de Varjota-Ce. O público-alvo que será foco da investigação é a 3ª série do Ensino Médio do Estado do Ceará, com jovens entre as faixas etárias de 16, 17 e 18 anos. A interpelação ocorrerá nas aulas de Sociologia que tem duração de 50 minutos. Para articular e fomentar ações em prol de desenvolver a criticidade dos(as) estudantes sobre a temática gênero e sexualidade, irei propor a construção intervenções pedagógicas utilizando metodologias ativas que promovem, segundo DEMO (2023) a aprendizagem cooperativa, atribuindo significâncias na construção do ensino-aprendizagem dos(as) estudantes.

As intervenções serão planejadas de acordo com as necessidades da clientela observada, sendo que as opiniões dos(as) jovens sobre violência de gênero é um tema de grande relevância para compreendermos a fluidez dessas relações que estão em constante transformação. Buscamos entender como os(as) estudantes se colocam em cena e se enxergam nesse espaço processo de desconstrução e convivência social, entre suas relações escolares, observando os conhecimentos adquiridos pelas dinâmicas propostas. A importância de tratar sobre este assunto na escola parte da necessidade de trazer provocações e aprofundar o conhecimento que os adolescentes têm a respeito das relações de gênero como algo que se faz presente em toda a sociedade, e que muitas vezes são tratadas de maneira equivocada, discriminatória e preconceituosa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A violência de gênero atinge tanto mulheres, como crianças, adolescentes de ambos os sexos. Compreende-se como uma problemática que tem impactos alarmantes no Brasil, estando em 5º lugar no ranking de homicídios de mulheres no mundo, segundo a Organização das Nações Unidas – ONU. Esta é definida como qualquer tipo de agressão, seja física, sexual, simbólica ou psicológica contra indivíduos em vulnerabilidade respectiva a sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Na escola, esta violência se potencializa em diversos aspectos, migrando dos lares e meio sociais, adentrando o espaço escolar. Podemos identificar através de observações no campo, em sua maioria, ocorrem através de estereótipos, do bullying de gênero, refletindo a construção das masculinidades e feminilidades vigentes na sociedade. De acordo com Louro (2000):

É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou se pensa sobre elas que vai constituir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. (LOURO. 2000, pág. 21)

Portanto, se torna imprescindível analisar como as construções de gênero têm sido discutidas no ambiente escolar. Para situar, a clientela da EEMTI Waldir Leopércio é oriunda da classe trabalhadora, em sua maioria periférica, sendo a única escola que oferta ensino médio na cidade. Em observações preliminares desenvolvendo trabalhos sobre violência de gênero na escola há cinco anos, venho deparando-me com quadros de preconceitos e discriminação a quais demandam atenção e investigações mais aprofundadas sobre o assunto, assim é possível analisar o quanto as estruturas perpassam os lares e imbricam no espaço escolar, sendo importante compreender como os estudantes reproduzem e assimilam essas questões.

Os(as) jovens têm sua própria compreensão do mundo diante dessas novas relações e são estes os propagadores das significativas mudanças que vêm ocorrendo nessas estruturas. Os mesmos tendem a estar em constantes conflitos no que se refere a sexualidade, principalmente, em períodos como a adolescência. Muitos dos seus familiares vêm de gerações as quais essas questões não eram discutidas, onde o preconceito disseminado era naturalizado e a construção de ser homem e mulher socialmente, implicam na forma cultural dessas compreensões. Assim, é considerável investigar se há transformações sociais significativas diante destas novas perspectivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Problematizar as questões de gênero na escola faz-se necessário para compreender a extensiva estruturação de desigualdades sociais que tem impacto direto nos(as) jovens em toda sociedade, assim, podemos investigar as formas de preconceito, discriminação e estereotiparão a quais os sujeitos da pesquisa estão expostos.

É necessário que possamos desenvolver o mínimo de criticidade nos(as) jovens do ensino médio através da disciplina de sociologia, para que não propaguem de forma naturalizada as desigualdades, buscando uma análise aprofundada sobre as questões a qual estão envolvidos, observando também que o *bullying* tem sido uma forma de discriminação recreativa que precisa ser combatida no ambiente escolar. um fato os relatos dos (as) alunos(as) os incômodos e dores que a problemática traz, assim é preciso trabalhar em prol da conscientização e políticas efetivas para garantir um ambiente seguro e igualitário para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. 6ª ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **O Corpo Educado, Pedagogias da Sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Autêntica. Belo Horizonte 2000.

Site: [Brasil registra 78ª posição em ranking sobre igualdade de gênero | Agência Brasil \(ebc.com.br\)](#) Acesso, 16/10/2023.